

ISRAEL REGARDIE

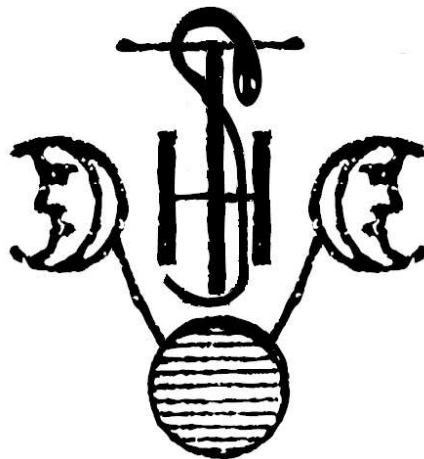
O PODER DA MAGIA

*Introdução às Técnicas
Cabalísticas, Mágicas e
Meditativas*

Tradução de
AYDANO ARRUDA

FAM
AAA
MAF

Lebilefer Sutaceh



IBRASA
INSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE DIFUSÃO CULTURAL LTDA.
SÃO PAULO

SUMÁRIO

ARTE E SIGNIFICAÇÃO DA MAGIA	9
1 - Magia no Oriente e no Ocidente	10
Interesses Primários da Magia	11
Concepções Errôneas Objetivas	12
Formas Divinas	12
Som em Conjurações Mágicas	14
A Cruz Cabalística	14
Lamaísmo e Eucaristia	17
Magia Talismânica	18
Consagração	20
As Peças de Mistério Tibetanas	21
O Papel do Ego	22
O Ritual do Não-Nascido	23
Teurgia e Desenvolvimento Espiritual	26
2. A Arte da Magia	26
Os Objetivos da Magia	27
Religião e Magia	27
Adivinhação	29
Geomancia, Tarô e Astrologia	29
Evocação	30
Personalização de Complexos	32
O Processo de Evocação	32
Visão	34
O Supremo Sacramento	35
Invocação	36
Iniciação	37
3. A Significação da Magia	39
Ciência e Magia	39
Definição de Magia	40
O Inconsciente	41
A Barreira Endopsíquica	43
Concentração e Emoção	44
Magia e Qabalah	45
A Luz Astral e o Inconsciente Coletivo	46
Verificação Experimental	47
A Realidade da Magia	49

UMA CARTILHA CABALÍSTICA	52
1. GUIA DO LEIGO PARA A ÁRVORE DA VIDA	53
Comentários e Traduções	53
A Árvore da Vida	54
A Organização de Conhecimento	55
As Dez Sephiroth	56
Os Quatro Mundos	57
O Pentagrammaton	57
Kether	59
Chokmah	60
Binah	62
Chesed	64
Geburah	66
Tiphareth	68
Netzach	70
Hod	72
Yesod	74
Malkuth	76
MEDITAÇÃO	80
ABORDAGEM MODERNA DE UMA VELHA CIÊNCIA E ARTE	81
Treinando a Mente	82
Por que Meditar?	82
O Poder da Meditação	83
Postura	83
Consciência do Corpo	84
Dúvidas e Temores	85
A Questão Ética	85
Fatores de Perturbação	86
Devoção Religiosa	86
Introspecção	87
Usando um Gravador de Fita	87
O Conteúdo Oculto da Consciência	88
Retirando a Energia Mental	88
Mantras	89
Praticando Com Uma Mantra	92
Mantras Para Ateus ou Agnósticos	93
O Primeiro Estágio	93
Respiração	93
O Poder do Ritmo	94
Fascinando a Mente	95
Efeito de Concentração Prolongada	95
Deslocando o Ego	96
Hiperventilação	97
Koans	98
Suspensão de Respiração	99
Outras Técnicas de Respiração	99
Circulação de Energia	100
Visualização de Objetos	100

O Emprego de Hipnotismo	101
A União Final	102
OUTRAS LEITURAS	104
A QABALAH DE NÚMERO E SIGNIFICADO	105
UM MANUAL ELEMENTAR DE PROCESSOS NUMÉRICOS	106
Gematria Simples	107
Notariqon	110
O Notariqon do Tenach	110
A Gematria de "Amen"	111
"Ruach Elohim"	112
Paraíso	113
NOMES DE DEUS	113
AGLA e ARARITA	115
I.N.R.I.	116
Simbolismo do Coração e da Serpente	120
IAO	123
Análise Exegética	124
O Fama Fraternitatis	125
Conclusão	127
A ARTE DA VERDADEIRA CURA	128
1	129
Correntes Não Utilizadas	129
Que é Fadiga?	130
Os Primeiros Dois Passos Para Saúde	130
Ritmo	131
Centros Mentais e Espirituais	132
Pensamento, Cor e Som	133
A Esfera Coronal	135
O Centro de Ar	135
O Centro de Fogo	136
O Centro de Água	137
O Centro da Terra	137
Correspondências de Cor	138
2	138
Estimulando Circulação	139
Focalizando Energia	140
Recapitulação: As Preliminares	142
Oração	143
Aplicações Não-Terapêuticas	144
Usando a Estrutura Astrológica	146
Usando Correspondências Astrológicas	147
Auto-Análise	148

I

ARTE E
SIGNIFICAÇÃO DA
MAGIA

1 - Magia no Oriente e no Ocidente

Quando eu tinha dezessete anos de idade, um amigo emprestou-me um exemplar de *Lamaism*, do Major L. A. Waddel. Naquele tempo, o livro impressionou-me tremendamente, sem dúvida por causa de seu maciço tamanho. Em todos os sentidos era um tomo pesado e tomos sugeriam então profundidade e peso da erudição. Naquele tempo, naturalmente, eu nada sabia sobre Magia e, afora algumas tinturas Teosofistas, quase nada sobre Budismo. Por isso, a maior parte da significação e da vasta erudição do livro deve ter-me passado completamente despercebida, embora ele seja um armazém de conhecimentos.

Depois, de repente, reapareceu em meu horizonte, também graças ao favor de um amigo. À luz do pouco conhecimento e experiência que eu adquirira no transcurso de vários anos, seu conteúdo excitou-me enormemente – e foi com o máximo interesse que eu reconsiderarei. Para mim, uma das coisas que mais se destacaram enfaticamente desta vez foi a extraordinária semelhança - e mesmo a fundamental unidade - das concepções mágicas mais elevadas e mais básicas, tanto do Oriente quanto do Ocidente. Não é minha intenção discutir agora se isso é devido, como afirmam muitos expoentes da sabedoria oriental, à importação direta da filosofia e prática oculta do Oriente pela civilização Ocidental. Não obstante, é minha crença ponderada que nos países ocidentais houve definitivamente uma tradição secreta em nível prático - tradição que durante séculos transmitiu oralmente o melhor desse conhecimento mágico. De fato, tão ciosamente guardada em todos os tempos, foi essa tradição que mal chegou a ser suspeitada pela maioria das pessoas. Muito poucos foram os indivíduos afortunados que em qualquer época se viram arrastados, como que por correntes invisíveis de afinidade espiritual, até os portais ocultos de seus templos.

Ocasionalmente, pequena porção dessa tradição rigorosamente oculta infiltrou-se em livros. Alguns deles são aqueles escritos por Jâmblico e os Neoplatônicos mais tardios, e também por estudiosos como Cornelius Agrippa, Pietro d'Abano e Eliphas Levi. Seus elementos mais toscos encontraram expressão nas famosas Clavículas, nos Grimórios e nas Goétias. Contudo, em sua maior parte, a verdadeira seqüência do ensinamento e as vastas implicações de seu conhecimento prático foram, como se disse acima, mantidas em estrita privacidade. A razão deste segredo talvez tenha sido a impressão de que, em qualquer época, em qualquer país e entre qualquer povo, só existe pequeno número de pessoas com probabilidade de apreciar ou compreender os aspectos mais profundos ou mais sublimes da Teurgia, a magia superior. Isso exige simpatia, muita introversão a capacidade do árduo trabalho que, é desnecessário dizer, poucas pessoas possuem. Conseqüentemente, há pouco sentido em difundir dispersivamente essas pérolas de brilhante conhecimento, que só poderiam ser mal compreendidas.

Sem dúvida, esta conclusão é corroborada por *Lamaism* de Waddel. De fato, muito do chamado conhecimento mágico esotérico está nele contido - mas é apresentado inteiramente sem compreensão. Conseqüentemente, sua declaração sobre aquele aspecto particular do Lamaísmo é viciada e tornada praticamente inútil. E embora possa concordar

com Waddel em que algumas práticas Lamaístas pouco têm a ver com o Budismo Histórico, suas zombarias a respeito de um Budismo esotérico do lado mágico das coisas é simplesmente risíveis, pois seu próprio livro é uma clara demonstração precisamente daquele fato que ele absolutamente não percebeu.

Seu livro, é óbvio, destinava-se principalmente a ser um relato objetivo sobre o Budismo indígena do Tibete, como é praticado por seus monges e eremitas. Infelizmente, os preconceitos e equívocos do autor são mal escondidos. De modo que, embora tenha escolhido alguma das migalhas caídas casualmente da mesa esotérica dos lamas, e as tinha registrado provavelmente como as encontrou, ele não tinha o necessário treinamento, conhecimento ou intuição do assunto, que sem dúvida possuíam alguns dos lamas iniciados superiores com os quais conversou. O resultado é que foi incapaz de fazer alguma coisa com aquela informação. De fato, seu relato sobre as práticas dos lamas parece simplesmente tolo ou absurdo. Psicologicamente, consegue tornar ridículo, não os lamas, mas apenas ele próprio.

Certos aspectos da Teurgia ou Magia Ocidental foram agora expostos comparativamente com clareza. Alguns comentaristas e críticos manifestaram a opinião que meu trabalho anterior, *The Tree of Life*, foi uma declaração elementar de seus maiores princípios tradicionais, mais clara do que já foi feita até então. E o livro de Dion Fortune, *A Cabala Mística*, verdadeira obra-prima, é também uma apresentação incomparavelmente boa da filosofia mística que sustenta a prática mágica. Sugiro, por isso, que empregando os teoremas empregados naqueles dois livros e aplicando-os ao material do *Lamaism*, de Waddel, podemos chegar a compreensão de alguns pontos da Magia Tibetana, que sem isso permaneceriam obscuros.

Interesses Primários da Magia

Talvez convenha, de início, confessar que boa parte da rotina mágica refere-se a um plano psíquico, a certos níveis do inconsciente coletivo, embora de maneira nenhuma isso a condene totalmente, como se sentem inclinadas a fazer certas escolas místicas. Outros ramos dizem a respeito a realizações fenomenais, como fazer chover, obter boas colheitas, espantar demônios e feitos semelhantes, com os quais a lenda tanto oriental quanto ocidental nos familiarizou - feitos, ademais, cuja rejeição exige muita explicação dos racionalistas e mecanicistas. Por fim, existe uma parte infelizmente grande que beira a feitiçaria pura e simples. Por esta última nunca me interessei.

Mas sustento, como definição primária, que Magia, tanto da variedade oriental quanto ocidental, é essencialmente um processo divino - Teurgia, um modo de cultura ou desenvolvimento espiritual. Do ponto de vista psicológico, talvez possa ser interpretado como uma série de técnicas, tendo como finalidade a retirada de energia de objetos objetivos e subjetivos, para que, na renovação da consciência pela libido reemergente, possa ser encontrada a jóia de uma vida transformada, com novas possibilidades criativas e espontaneidade. Compreende ela vários métodos técnicos, alguns de natureza simples,

outros altamente complexos e de realização muito difícil, para purificar a personalidade e, naquele organismo limpo, livre de tensão patogênica, invocar o eu superior.

Tendo isto em mente, muitos dos itens da Magia aparentemente desconexos, algumas das suas invocações e práticas de visualização, adquirem nova e acrescida significação. São passos psicológicos importantes por meio dos quais reparar, melhorar ou elevar a consciência, de modo que ela oportunamente possa mostrar-se um veículo digno da Luz Divina. Uma ou duas sentenças escritas há muitos anos por Willian Quan Judge, em seu panfleto *Na Epítome of Theosophy*, expressam com tanta exatidão a impressão a ser transmitida que merece ser citada: “*O verdadeiro objetivo a ter em mente é abrir ou tornar porosa a natureza inferior, para que a natureza espiritual possa brilhar através dela e tornar-se o guia e governante. É ‘cultivada’ somente no sentido de ter um veículo preparado para seu uso, dentro do qual possa descer.*”

Esta concepção é igualmente o ponto de vista de nosso sistema mágico. As formas técnicas de Magia descritas em *The Golden Dawn*, como o Pentagrama e outros rituais, representações astrais de formas divinas, evocações (embora não necessariamente para manifestação física) de espíritos elementares e planetários, perscrutação do espírito-visão e invocação do Sagrado Anjo da Guarda, são todas executadas tendo sempre em mente aquele único objetivo. A Teurgia e os expoentes dos misticismos orientais estão assim em completa concordância com os princípios teóricos fundamentais.

Concepções Errôneas Objetivas

Para ilustrar o que agora entendo por equívoco completo que pode ser praticado num relato puramente objetivo das práticas mágicas, será interessante considerar apenas algumas declarações feitas por Waddel. Antes de tudo, permitam-me citar a página 152 (2a edição) de seu trabalho: “*O mais puro lama Ge-Lug-para, após acordar cada manhã, antes de aventurar-se a sair de seu quarto, fortalece-se contra ataque dos demônios, assumindo antes de tudo o disfarce espiritual de seu temível tutelar ... Assim, quando o lama sai de seu quarto ... apresenta espiritualmente a aparência do demônio-rei, e os demônios malignos menores, iludidos na crença de que o lama é de fato seu próprio e vingativo rei, fogem de sua presença, deixando assim o lama ileso.*”

Seguramente, essa é uma interpretação pueril. Embora o próprio fato da adoção de formas espirituais de divindades tutelares seja perfeitamente correta, os fundamentos lógicos por ele oferecidos são infantis e estúpidos. No que tange a Teurgia Ocidental, séculos de esforço mostraram que um dos mais potentes adjuntos da experiência espiritual, como ajudar a assimilação do eu inferior na psique total, é a adoção astral da forma mágica de uma força divina ou uma divindade. Por meio da exaltação da mente e da alma à sua presença, ao mesmo tempo em que é dada expressão a uma invocação, admite-se que pode haver uma descida de Luz ao coração do devoto, acompanhada *pari passu* por uma ascensão da mente em direção ao inefável esplendor do espírito.

Formas Divinas

No que se refere à razão e explicação deste processo, pode-se muito bem declarar concisamente que, de acordo com a hipótese mágica, todo o cosmo é impregnado e vitalizado por uma vida onipresente, que é por si só tanto imanente quanto transcendente. No alvorecer da manifestação do universo, saído da triplamente desconhecida escuridão, surgem as Vidas - grandes deuses e forças espirituais, *Cosmocratores*, que se tornam arquitetos e construtores inteligentes das partes manifestas do universo. De sua própria essência espiritual individual, são geradas outras hierarquias menores, que por sua vez emanam ou fazem evoluir de si próprias ainda outros grupos. Estes são os que representam nas profundidades ocultas da psique aquelas idéias primordiais, que Jung chama de imagens arquetípicas, sempre presentes no inconsciente coletivo da raça.

Assim é que, através da união do consciência humana com a essência dos deuses em uma escala ascendente, a alma do homem pode aproximar-se gradualmente da raiz e fonte final do seu ser. No esquema budista, isto constitui "a essência da mente que é intrinsecamente pura", o *Darmakaya*, corpo divino incondicionado na verdade. A intenção de assustar demônios malignos não tem lugar no âmbito desta técnica. É difícil presumir se esta hipótese originou-se ou não do Major Waddel, embora a tese seja comum a todos os povos primitivos. Provavelmente foi formulada por um lama com predisposição mais leviana, a fim de pôr termo a questões mais importantes, embora, ao mesmo tempo, seja verdade que, em momento de perigo psíquico, a adoção de uma forma divina é de enorme ajuda. Não porque o elemento ameaçador ou demônio, por exemplo, seja enganado ou assustado pela forma. Mas porque o operador, abrindo-se para uma fase do espírito divino ao adotar sua forma simbólica, traz para si ou é dotado da autoridade ou domínio daquele deus.

No que se refere a forma ocidental de magia, foi no Egito que essas formas cósmicas receberam cuidadosa atenção e suas qualidades e atributos foram observados e registrados. Surgiram assim pictografias convencionalizadas de seus deuses, que têm significação profunda, embora sejam simples na comovedora eloquência de sua descrição. As formas divinas egípcias é que são usadas na magia ocidental, não aquelas do Tibete e da Índia. Em *The Mahatma Letters* pode ser encontrado um parágrafo muito profundo no qual K.H. escreveu a A.P. Sinnet: "*Como seria possível você fazer-se compreender - dominar de fato aquelas forças semi-inteligentes, cujos meios de comunicação conosco não são palavras faladas, mas sons e cores, em correlações entre as vibrações das duas coisas. Isso porque som, luz e cor são os principais fatores na formação desses graus de inteligência...*"

Embora não seja prudente entrar mais profundamente nessa questão, as observações de K.H. aplicam-se igualmente a outras forças e poderes, além dos elementos. A forma astral de cor e luz assumida na imaginação cria um molde ou um foco de tipo especial, no qual, por modos técnicos de vibração e invocação, a força ou poder espiritual desejado se encarna. Revestido sua própria forma astral com a figura ideal do deus, agora visualizada pela descida da força invocada, sustenta-se que o homem poder ser adotado ou exaltado no próprio seio da divindade e assim retornar gradualmente, com a aquisição de sua própria humanidade, àquela Raiz indescritível e misteriosa de onde veio originalmente.

Som em Conjurações Mágicas

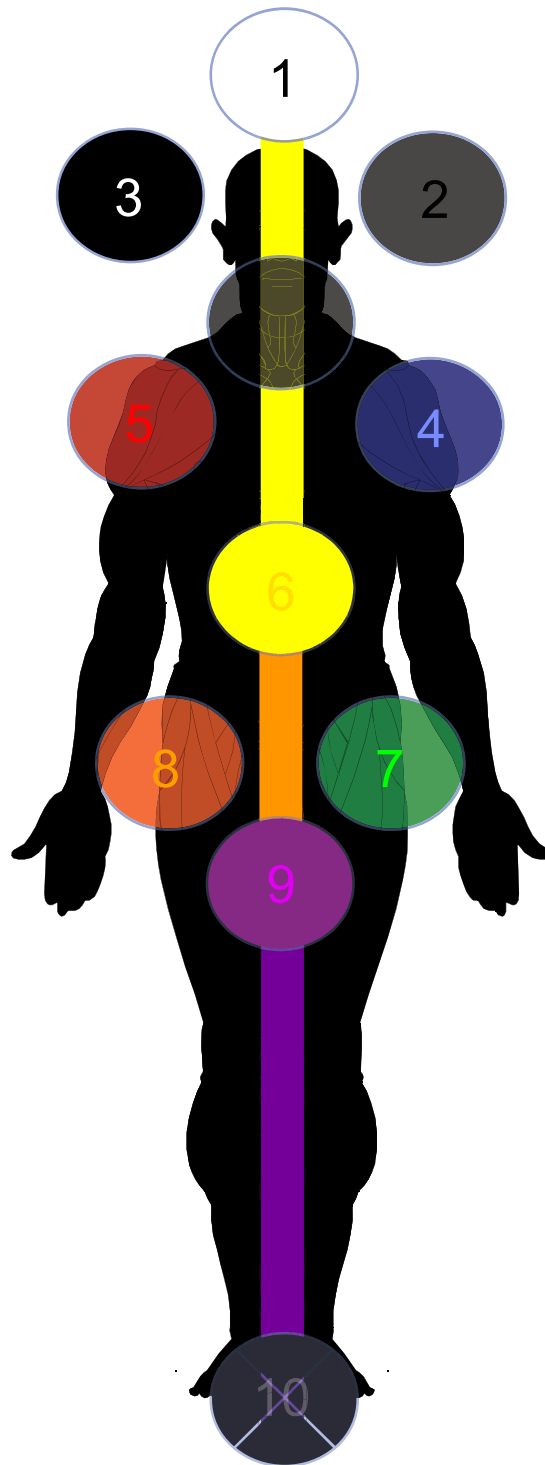
Outro exemplo da falta de humor e introversão de Waddel ocorre na página 322. Descrevendo o treinamento do noviço, é dito ali que o lama adota uma "voz profunda e rouca, adquirida por meio de treinamento, a fim de transmitir a idéia de ela emana maturidade e sabedoria". Não sei se algum de meus leitores presenciou qualquer espécie de cerimônia mágica ou ouviu uma invocação recitada por um praticante habilitado - embora possa-se dizer que poucos o fizeram. Sempre é adotado o tom que produz o máximo de vibração. Para muitos estudantes, uma entoação profunda ou um zumbido é a que vibra mais, Por isso, esse é o tom ideal para despertar do interior as sutis forças mágicas necessárias. Tem sido observado também que as melhores invocações são sempre sonoras e intensamente vibrantes. A idéia de que a voz deve sugerir maturidade e sabedoria é pura tolice. Este é outro exemplo do desprezo ocidental e não uma tentativa simpática de tentar realmente compreender um sistema estrangeiro. Os espécimes tibetanos de rituais dados por Waddel contêm um divertido número de *Oms*, *Hums*, *Has* e *Phats*, mas as conjurações ocidentais contêm igualmente nomes bárbaros de evocação igualmente divertidos - Yah, Agla, etc.

Dessa questão de sons em conjurações mágicas eu tratei um tanto extensamente em outro lugar. Basta observar aqui que, na *Doutrina Secreta*, Madame Blavatsky sugere que o uso vibratório de conjurações e som tem geralmente profunda significação. "Som e ritmo", observa ela, *"estão estreitamente relacionados com os 4 elementos... Uma ou outra vibração no ar certamente provoca poderes correspondentes, com os quais uma união produz bons ou maus resultados, conforme o caso."* Toda a questão de som e o emprego dos chamados nomes bárbaros de evocação precisam ser perfeitamente estudados, antes que se atreva a sugerir uma explicação acusando magos ou lamas de terem simplesmente *pose* de sabedoria.

A Cruz Cabalística

Observa-se com viva atenção que os tibetanos têm uma forma daquilo que aqui no Ocidente é chamado como Cruz Cabalística. Na página 423 do livro de Waddel há a seguinte descrição:

Antes de começas qualquer exercício devoto, os lamas superiores executam uma manobra que tem estreita semelhança com o 'sinal da cruz' dos cristãos. O lama toca delicadamente a testa com o dedo ou a sineta proferindo o místico Om, depois toca o alto do peito, dizendo Ah, em seguida o epigástrico (a boca do estômago), dizendo Hum. Alguns lamas acrescentam Sva-ha, enquanto outros completam a cruz, tocando o ombro esquerdo e dizendo Dam e depois Yam. Afirma-se que o objetivo dessas manipulações é concentrar as partes do Sattva, isto é, corpo, fala e mente, sobre a imagem ou divindade com quem vai comunicar-se.



Atribuições físicas das dez *Sephiroth*

Antes de comentar o que está dito acima, torna-se imperativo indicar certas teorias fundamentais encontradas em alguns livros da Qabalah. Se o leitor está familiarizado com a esplêndida *Introduction to the Study of the Kaballah*, do Dr. Wm. W. Westcott, ou com o livro *A Cabala Mística*, de Dion Fortune, terá visto ali um diagrama atribuindo as 10 Sefiroth à figura de um homem. Acima da cabeça, formando uma coroa, está Kether, que representa o espírito divino, e aos pés está Malkuth. Aos ombros direito e esquerdo são atribuídos Geburah e Gedulah, Marte e Júpiter, Poder e Majestade. Na pneumatologia cabalística, Kether está em correspondência com a Mônada, a dinâmica e essencial individualidade de um homem, o espírito que procura experiência através da encarnação aqui na terra.

É altamente significativo o fato dessa Sefirah ou potência ser colocada acima da cabeça e não, digamos, dentro do cérebro ou no centro do coração. É a Luz do espírito que brilha sempre sobre as trevas abaixo. ("O espírito do homem é a candeia do Senhor." E ainda: "Quando sua candeia brilhava sobre minha cabeça e à sua luz eu caminhava através das Trevas.") Esta é uma idéia que tem paralelos também em outros sistemas. Por exemplo, em *The Epitome of Theosophy*, Judge escreve: "*Sustenta-se que o verdadeiro homem, que o eu superior, sendo a centelha do Divino, ofusca o ser visível, que tem a possibilidade de tornar-se unido àquela centelha. Assim é dito que o Espírito superior não está no homem, mas acima dele.*"

Todo processo místico e mágico tem como objetivo purificar o eu inferior, de modo que aquele eu superior, que normalmente apenas nos ofusca e raramente está em plena encarnação, possa descer para um veículo purificado e consagrado. A tradição teúrgica afirma que pela execução da Cruz Cabalística, entre outras coisas, esse fim pode ser atingido. Como exercício devoto ou meditação, ela é usada em colaboração com as formulações de certas figuras lineares e as vibrações de nomes de poder, seguidas pela invocação dos 4 grandes arcanjos. Na forma Ocidental é o seguinte:

1. Toque a testa e diga *Ateh* (Tu és)
2. Toque o peito e diga *Malkuth* (O Reino)
3. Toque o ombro direito e diga *Ve-Geburah* (E o Poder)
4. Toque o ombro esquerdo e diga *Ve-Gedulah* (e a Glória)
5. Cruzando as mãos sobre o coração, diga *le-Olam, Amen* (para todo o sempre, Amém).
6. Aqui siga com os Pentagramas adequados, voltados para os pontos cardeais e vibrando os nomes de poder.
7. Estendo os braços em forma de cruz, dizendo:
8. À minha frente Rafael, atrás de mim Gabriel.
9. À minha direita Miguel, à minha esquerda Auriel.
10. Diante de mim brilha o Pentagrama,
11. Acima de mim resplandece a Estrela de 6 raios.
12. Repita 1-5, a Cruz Cabalística.

No que se refere a este pequeno ritual, pode-se descrever sua ação sob vários títulos. Primeiro, invoca os poderes do eu superior como fonte constante de vigilância e orientação. Coloca os processos subseqüentes sob a égide divina. Tendo em seguida banido, pelo traçado dos pentagramas apropriados, todos os seres não essenciais dos quatro pontos cardeais com ajuda dos quatro nomes de quatro letras de Deus, chame então os quatro Arcanjos - as quatro funções concretizadas do mundo psíquico interior e o par dual de opostos - para proteger a esfera de operação mágica que é o círculo do eu. Encerrando, invoque mais uma vez o eu superior, para que, do começo ao fim, a cerimônia inteira esteja sob a guarda do espírito. A primeira seção, compreendendo os itens de 1 a 5, identifica o eu superior do operador com os aspectos superiores do universo sefirótico. De fato, afirma a identidade essencial da alma com a consciência coletiva de toda humanidade.

Tentando-se uma nova análise, a palavra hebraica *Ateh*, que significa "Tu", refere-se ao esplendor branco divino, o eu superior que ofusca cada homem. Fazendo descer a Luz para a boca do estômago - que representa simbolicamente os pés, pois curvar-se até os pés seria um gesto grotesco - estabelece-se na imaginação a haste vertical de uma cruz de Luz. A haste horizontal é definida tocando-se ambos os ombros e vibrando as palavras com as quais se declara que as qualidades do eu superior incluem poder e majestade, severidade e amorosa bondade. Equilíbrio é a característica especial da cruz como símbolo particular e o traçado da Cruz Cabalística dentro da aura afirma a descida do espírito e seu equilíbrio dentro da consciência ou dentro da esfera mágica. A significação é ainda mais acentuada pelo gesto de cruzar as mãos sobre o centro *Tiphareth*, o local cardíaco da harmonia e equilíbrio, e dizer *le-Olam*, Amém para sempre

A palavra sânscrita *Sattva* implica pureza, ritmo e harmonia, e as três *Gunas*, ou qualidades, referem-se ao espírito. Igualmente no equivalente ocidental desse esquema, a alquimia, as três qualidades correspondem aos três principais princípios químicos, sal, enxofre e mercúrio. Desses, o Mercúrio Universal é um atributo de *Kether* - o Santo Anjo que é o divino Guardião e Vigilante, ofuscando a alma do homem, sempre esperando uma aproximação ordenada para que seu veículo possa ser elevado à sua glória. Existe aqui, portanto, uma semelhança muito grande entre o exercício do devoto tibetano e aquele que é recomendado como umas das mais importantes práticas da Magia Cabalística da Tradição Ocidental.

Lamaísmo e Eucaristia

Na seção do livro em que Waddel descreve a celebração lamaística da Eucaristia, é encontrado outro importante paralelismo. Ele descreve como o sacerdote ou lama que oficia a cerimônia é obrigado a purificar-se durante a maior parte das vinte e quatro horas precedentes, por banhos cerimoniais e elevação da mente por meio da repetição contínua de mantras ou invocações. A descrição efetiva do aspecto interior ou mágico do ritual, embora não seja exposta particularmente bem, é dada pelo que vale: "Estando tudo pronto e a congregação reunida, o sacerdote, o cerimonialmente purificado pelos ritos ascéticos acima indicados e paramentado com a túnica e o manto, retira da grande imagem de Buda o *Amitayus* parte da divina essência daquela divindade, colocando o *vajra* de seu *rdor jethi*